

Ribeirão Preto

AMC

# Influência negativa

MENDES RIBEIRO

“O otimista ri e esquece. O pessimista esquece de rir”.

“Lobby”, a pressão, se encontra por todos os cantos.

Existe em qualquer tipo de atividade. Os parlamentares, centro de leis — e decisões — recebem o impacto de mil e um interesses. Conflitantes, é claro. Entre eles ou com o bem público. Das Câmaras de Vereadores ao Congresso Nacional, guardadas as proporções, não muda a cena. Gente buscando influir. Vendendo idéias.

Pressionar não é crime. O alvo aceita ou não. Se, vezes muitas, a colaboração abre os olhos pois, ninguém é dono da verdade, quando nada acrescenta é posta no seu devido lugar.

Não conta.

Com a Assembléia Nacional Constituinte e, atente, principalmente depois, na feitura das leis complementares dando forma ao deliberado na Grande Carta, os grupos intensificam trabalhos. E, cabem algumas observações. No bom sentido, alertando.

Um dia há de se contar a história das tropelias cometidas em torno de informações. O despreparo, o açodamento, em muitos casos a irresponsabilidade, levam à opinião pública, esperanças inconcebíveis. Distorções maquiavélicas.

A Constituição é chave dos problemas? Não é. A

eleição direta, será o enriquecimento de todos? Bobagem. O decantado coro das esquerdas, tem poderes mágicos? Mentira. É diferente o cantocho da direita? O de qualquer posicionamento radical?

Nunca.

E se contará, também, a insensibilidade de pessoas que, pensando ajudar, atrapalham. Convictas de somar, dividem. Certas de influir, carregam revolta. Aniquilam idéias.

O “lobby” mal feito, enoja. São os telegramas, cartas ou telefonemas, “exigindo” isto ou aquilo dos eleitos.

“Exigir” é estupidez.

O eleitor deve “se exigir” escolher bem. E, se escolher mal, “se exigir” não reincidir no erro. Ter o “tope” de “pensar mandar” é onipotência desenfreada. Contraproducente. De igual sorte, soam as manifestações “lembrando” datas, reuniões, maneira de votar. Obrigações primárias. Quem é responsável dispensa “lembretes” sobre quando se reúne o Congresso ou estar em Plenário. Se é muito bom conhecer o pensamento de qualquer corrente, é erro gigantesco de comunicação dar aos que votam a idéia de estarem com suas cabeças a prêmio.

Pouco se me interessa — deve ser a postura comum dos livres — desgostar um ou outro. Ninguém consegue o aplauso unânime. Logo, há que ficar em dia com a consciência. Com os deveres assumidos na pregação. Com o que parecer

melhor dentro das circunstâncias. O caldeirão das decisões não pode ser posto na fervura de idéias de grupos.

Logo, o importante é ser coerente. Sendo, quem gostar, gostou. Quem não gostou, paciência.

Fazer pressão, repito, é arte. O despreparado para tal função corta contra quem pensa conseguir determinado objetivo. Carreia o ridículo com que passa a ser encarado e a má vontade antes inexistente. Caso concreto? Mencionei alguns. No final, o mais triste. O uso de inocentes úteis. As crianças, em primeiro plano. Que podem saber crianças de menos de dez anos sobre os grandes temas nacionais? No entanto, chegam aos deputados e senadores abaixados, com a arrelgimentação feita por meia dúzia em cima da gente miúda. Com duplo sentido. Preparar cedo as cabeças para o caminho do caos, que estou convencido, é desejadíssimo nesta hora e, disseminar o receio entre quantos decidem.

O povo usado por massa de manobra.

Algumas palavras são sínteses do que falo. Insensibilidade. Oportunismo. Crime contra o Brasil.

E chegada a hora de ter a cabeça no lugar.

Não percam tempo, dinheiro, horas preciosas, na tentativa vã de amedrontar, passando a idéia de que a maioria é marionete. Não é.

O amanhã mostrará que tenho razão.

CB

8-1-1988